

Academia de Polícia Militar do Barro Branco: a escola militar paulista

Fernando de Medeiros Vasconcelos ^a

Resumo: A Polícia Militar do Estado de São Paulo, maior corporação policial do país, forma seus oficiais em uma instituição superior modelar: a Academia de Polícia Militar do Barro Branco, situada na capital paulista. Escola de tradição secular, atualmente emprega as mais modernas e atualizadas técnicas de ensino para capacitar os futuros líderes policiais. O presente artigo tem como objetivos revisitar a história da Academia, bem como analisar o papel que desempenha para o sucesso e eficácia da corporação policial militar paulista.

Palavras-chave: Academia militar, polícia militar, segurança pública, ensino.

A gênese da Polícia Militar corresponde ao período regencial do Brasil, com a criação do Corpo Municipal Permanente em 1831. O embrião da instituição surgiu em um período conturbado da História Nacional, devido a menor idade do Imperador D. Pedro II e a grande instabilidade política, aliado ao fato do Exército Nacional não possuir capilaridade em todo o território nacional para garantir a união do país e conter o surgimento de revoltas locais.

Com o passar dos anos, os Permanentes, como eram conhecidos os integrantes do Corpo Municipal Permanente, foram evoluindo, até que, em 1905, o Governo de São Paulo, na figura do Governador Jorge Tibiriçá, contratou uma Missão Militar Francesa para doutrinar e profissionalizar a então Força Pública, forma como a Instituição passou a ser chamada e cuja denominação perdurou até o ano de 1970. A vinda da Missão Francesa equiparou a organização militar

^a Capitão da Polícia Militar do Estado de São Paulo.



brasileira aos moldes de instituições europeias. Em 1906, os oficiais franceses que chegaram logo foram incumbidos de comandar a Força Pública e iniciar a reestruturação da instituição por meio da educação da tropa. É neste cenário que, em 1910, o Coronel Paul Balagny, comandante da Missão Militar Francesa, cria o Curso Especial Militar - aos moldes da Escola Especial Militar de Saint-Cyr, responsável pela formação dos Oficiais do Exército francês. As atividades iniciadas pelo Coronel foram continuadas pelo General Nerel, comandante da segunda Missão Militar Francesa, que, com o fim da Primeira Guerra Mundial, fixou-se em São Paulo entre os anos 1919 a 1924.

No dia 27 de dezembro de 1910 foi publicada a Lei nº 1.244, que, conforme descrito no artigo 5º, criou o Curso Especial de Instrução Militar, destinado a educar os futuros comandantes. Tal fato tornou São Paulo o primeiro Estado da Federação a formar seus próprios oficiais e deu a futura Academia de Polícia Militar do

Barro Branco o título de uma das instituições mais antigas do mundo na formação de Oficiais de Polícia.

Fig. 1 – Cel Paul Balagny



Fonte: Museu da PMESP

Nos primeiros anos o Curso funcionava na Companhia Escola e em 1912 foi elevada a condição de Corpo Escola, sendo que ambas funcionaram no Quartel da Luz, hoje 1º Batalhão de Polícia de Choque ROTA. A partir de 1921 a Escola de Oficiais passa a funcionar em um aquartelamento próprio na Avenida Tiradentes, no centro da capital paulista.



Com os integrantes do Corpo Discente sendo conhecidos pela graduação de Alunos-Oficiais, em 1917 é criada a graduação de Aspirante-Oficial através da Lei 1.558, artigo 3º, de 20 de outubro daquele ano, pois agora, futuro Oficial de Academia passaria por um estágio probatório antes de sua promoção ao primeiro posto.

Em 1925 o Curso de Formação de Oficiais obteve uma grande mudança, uma vez que passou a realizar concurso destinado ao público civil. Isso se deu, porque, de 1910 até aquele corrente ano, o concurso para a Escola de Oficiais era destinado ao efetivo da Força Pública. Isso ocorria porque a educação na sociedade era limitada e precária, aliada ao fato de que a tropa já vinha sendo alfabetizada e educada pelos militares franceses desde 1906.

Mas o que motivou a abertura do concurso para o público civil foi o aumento do efetivo da corporação, incluindo o de Oficiais, bem como o fato das Unidades estarem mobilizadas na perseguição a Coluna Miguel Costa-Prestes, evento

que perdurou de 1924 a 1927, e que contou com a presença dos Alunos-Oficiais dentro dos Batalhões.

Após o retorno da Força Pública às terras paulistas, é realizada, em 1928, uma reforma em sua estrutura organizacional. Agora, o Corpo Escola é dividido em Batalhão Escola e Curso de Instrução Militar, sendo este destinado a formação de Oficiais. Tal divisão teve como objetivo atender o crescimento dos quadros da corporação.

Com a vitória dos Tenentes na Revolução de 1930, a Força Paulista mais uma vez passa por uma reforma estrutural no ano de 1931, quando o Batalhão Escola e o Curso de Instrução Militar são unificados em uma nova Unidade, o Centro de Instrução Militar.

Durante a Guerra Paulista de 1932 o Centro de Instrução Militar terá um papel fundamental na formação dos combatentes voluntários, bem como no envio dos Alunos-Oficiais comissionados como tenentes e capitães, para comandarem tropas na front.



Findadas as hostilidades em 1932, no ano seguinte, o Curso é mais uma vez modificado, agora o currículo é unificado deixando de existir Alunos-Oficiais de Infantaria e de Cavalaria, criando o Curso de Oficiais Combatentes e o Curso de Oficiais Administrativos e, con-

sileiro Milton Freitas Almeida, ex-chefe do Estado-Maior da 2ª Região Militar, em São Paulo, e ex-revolucionário de 1932, momento em que lutou ao lado da Corporação Bandeirante. O Coronel Freitas Almeida foi determinante para a reestruturação do Centro de Instru-

Fig. 2 - Entrega do Espadim em 1937



Fonte: Museu da PMESP

sequentemente, a reativação do Centro de Instrução Militar.

Em 1935, ano seguinte após a promulgação de uma nova Constituição, assume o comando da Força Pública o Coronel do Exército Bra-

ção Militar, foi ele o responsável pelo Espadim Bandeirante e pelos Uniformes em estilo Napoleônico, o “Azulão”, destinado aos Alunos Oficiais com o objetivo de enalte-



cer as tradições francesas da Academia.

O Espadim foi elaborado no ano de 1935, seguindo a tradição militar da Europa Medieval, tendo sua primeira entrega a todo o corpo discente em uma solenidade no dia 15 de dezembro de 1936, aniversário da Corporação, e utilizado solenemente por toda a Escola de Oficiais em 25 de janeiro de 1937. Foi sacramentada a entrega deste símbolo aos Alunos-Oficiais do 1º ano, no dia 24 de maio de 1937, dia em que se comemora a Batalha do Tuiuti.

Com a modernização e crescimento do Brasil, aliado ao fato da 2ª Grande Guerra estar se aproximando e envolvendo nosso país no maior conflito bélico da história da humanidade, foi iniciada a construção de um novo quartel para abrigar a Academia, com instalações modernas e próprias para a nova proposta de ensino militar. Com isso, no dia 5 de junho de 1944 é inaugurado o novo Centro de Instrução Militar na área da internada do Barro Branco, na zona norte da

capital paulista, longe da agitação do centro urbano.

Vale ressaltar que nesse período o Exército necessitava de um novo aquartelamento para abrigar a Força Expedicionária Brasileira (FEB). Assim, com o temor de perder a nova unidade para a FEB, ainda em 1943, o Corpo de Alunos, juntamente com seus Oficiais, realizou uma marcha desde o antigo Quartel na região da Luz até as novas instalações no Barro Branco, que ainda estava em fase final das obras.

Após o término da guerra e queda do presidente Getúlio Vargas, temos o fim do Estado Novo e início de uma nova democracia com a promulgação da Constituição de 1946. É neste momento, em 1947, que assume o Comando da Academia o Tenente-coronel Heliodoro Tenório da Rocha Marques, veterano de 32, que foi um grande reformador do ensino acadêmico, bem como o mentor de que o Espadim fosse uma homenagem ao patrono da Força Pública de São Paulo, assim, em 1948 o símbolo do Aluno-Oficial passa a



se chamar Espadim Tobias de Aguiar.

Para finalizar as reformas na área de ensino e projetar a Academia dentro da nova realidade nacional, em 1950 ela passa a se chamar Centro de Formação e Aperfeiçoamento (CFA) e o Curso de Oficiais Combatentes (COC) passa

rural e urbana, bem como a atividade subversiva, devido a essa situação matérias alusivas a esse tipo de atividade são incluídas na formação do Oficial.

No ano de 1969 temos a reestruturação e padronização da Segurança Pública em todo o país, nesse contexto que, em 1970, a Força

Fig. 3 - Corpo de Alunos-Oficiais no pátio interno da APMBB



Fonte: APMBB

a se chamar Curso de Formações de Oficiais (CFO).

No auge da Guerra Fria, em que o mundo estava dividido entre países capitalistas e comunistas, tem no Brasil o início do Regime Militar, em 31 de março de 1964, com isso vemos a Força Pública ser utilizada no combate a guerrilha

Pública do Estado de São Paulo passa a se chamar Polícia Militar do Estado de São Paulo, agora focada somente na doutrina policial, deixando a missão bélica para trás e se preparando para o futuro de uma instituição militar de polícia.



Atendendo a essa nova configuração e doutrina é que o CFA passa a se chamar Academia de Polícia Militar (APM). No ano de 1978 o comandante da APM, o Coronel Irahy Vieira Catalano, acrescenta a alcunha Barro Branco, regatando o nome daquela antiga área da Força Pública, quando, então, a velha Escola Militar de São Paulo passa a se chamar Academia de Polícia Militar do Barro Branco.

Pioneira no Brasil e uma das mais antigas do mundo na formação de Oficiais de Polícia Militar, criada pela Missão Militar Francesa em 1910, até a atualidade a Academia do Barro Branco vem ao longo dos anos evoluindo e se aprimorando para melhor formar os oficiais de sua instituição, inclusive formando para outros Estados de Federação.

Seja qual for a evolução ou momento histórico, a Academia jamais abdicará a missão de formar verdadeiros comandantes policiais militares, com a profunda e indispensável missão de transformar pessoas comuns em líderes que

conduzirão homens e mulheres, que além de deterem o poder de polícia e exercem o monopólio do uso da força, arriscam suas vidas diariamente em defesa da sociedade no combate ao crime e a manutenção da ordem pública.

Como dito no Canto X de Os Lusíadas, de Luís Vaz de Camões, “*A disciplina militar prestante não se aprende, senhor, na fantasia, sonhando, imaginando ou estudando. Senão vendo, tratando e pelejando*”, é nesse sentido que ao longo desses 110 anos a lendária Academia de Polícia Militar do Barro Branco busca não somente a transmissão de conhecimentos aos futuros oficiais, mas sim, internalizar uma filosofia de vida. Ensinando ao seu Corpo de Alunos-Oficiais que servir a sociedade é algo muito mais amplo, que não se resume ao cumprimento de uma atividade laboral em um determinado espaço de tempo, mas uma vida pautada na disciplina e na honra, com um nível de exigência muito acima da média de qualquer cidadão comum.